

A REVOLUÇÃO EM EDUCAÇÃO

Esther Pillar Grossi

Assunto vasto e complexo, ao mesmo tempo que urgente e próximo. Educar-se é tomar-se autor, inventor, criador, isto é, o contrário de objeto, o oposto de assujeitado. Educar-se é capacitar-se para a vida e a vida é o campo das paixões imprevisíveis, do movimento, dos conflitos, dos prazeres, das construções... A revolução em educação é justamente a implementação destas idéias, em contraposição às de que educar é adaptar-se, é acomodar-se, é ajustar-se aos padrões estabelecidos pelo "status quo". A educação é, portanto, intrinsecamente política, por que determinada ou determinante da polis, dos cidadãos.

Por outro lado, educação é coisa da vida toda; porém, a escola é, por definição e por necessidade, o lugar onde se aprofunda, se acelera e se completam as aprendizagens que caracterizam o educar-se. A escola, portanto, é um centro político no âmago de sua existência. Ela o será para a libertação ou para a escravidão. Atualmente, ela serve à escravidão, porque perpetra a ditadura da ignorância pela não democratização dos saberes e conhecimentos, os quais, por complexidade, requerem planejamentos, sistematização e continuidade de ensino, viáveis na escola, apesar de todas as suas limitações atuais.

Revolucionar a educação é, portanto; transformá-la em alavanca de libertação, em criadora de sujeitos históricos, não assujeitados. Isto é, capazes da autoria de participar ativamente na transformação do mundo, a qual nos caracteriza como seres humanos; isto é, "aqueles para os quais o mundo, tal qual é, não nos basta", porque, como seres de cultura, não nos satisfaz a natureza, marcados que somos por uma sede inesgotável de infinito e de impossível.

A revolução em educação, pois, se enraiza na visão de homem que se tem e que se quer educar. É esta visão que nos distingue como revolucionários, porque um conceito pobre de educação só pode levar a um conceito pobre de revolução e só um enfrentamento lúcido e eficaz contra as forças do conservadorismo instituído e instalado neste campo pode concretizar de verdade "a coragem de mudar em educação".

Deixamos aos companheiros-leitores a tarefa de aplicar as reflexões acima às diversas práticas partidárias que compõem a gama conservadora ou populista, mas sempre demagógica, a respeito da educação. Eles só têm ampliado o contingente assustador de analfabetos em nosso país, apesar das inúmeras campanhas de alfabetização realizadas desde o império e vedado o acesso, a produção e a indispensável participação das classes populares no universo ^{definidor} da ciência e da cultura.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

O construtivismo é uma teoria filosófica que explica como se dá a aprendizagem. Ele é tanto mais importante quanto mais se compreende que o homem só o é, porque aprende. Isto é, o homem não nasce, como pensava Platão, com reminiscências de conhecimento embutidos em si. Por outro lado, o construtivismo esclarece o equívoco de que os conhecimentos podem ser fixados prontos, de fora para dentro, pela via dos sentidos, como pensam os empiristas.

O construtivismo inaugura a compreensão de que saberes e conhecimentos são elaborados em cima de um tripé composto por aquele que aprende, pelo que se aprende e pelo outro. Quer dizer aprendizagem é eminentemente social porque exige a presença de um interlocutor humano ativo, que funciona como o catalizador das reações que nos levam a aprender.

A teoria construtivista introduz a idéia de que a ação preside a aprendizagem, entendendo-se ação como resolução de problemas, isto é aprendizagem não é contemplação passiva, mas atitude enraizada na emoção de conflitos de falta, em busca de sua superação dinâmica e existencial.

O construtivismo é indiscutivelmente, hoje um divisor de águas, que explica, pondo a nú as debilidades e incompetências do ensino tradicional abrindo as portas e embasando uma nova e promissora proposta para ensinar e aprender.

Instituto de Salud Colectiva
Universidad Nacional de Lanús